

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 12 DE MARÇO DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 115

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
A Semana.....	FILINOAL.
Historia dos sete dias.....	PIERRO-APOLLO.
Cartas do Olympo—VI.....	V. M.
P. de Saint-Victor.....	DGO.
Esboços a bico de lapis	H. DE MAGALHÃES
—) A. Celso Junior.....	E. MONTEIRO.
Tedio, poesia.....	A. CELSO JUNIOR.
Cartas de Lisboa.....	J. NINGUEN.
Minha filha, poesia.....	S.
Os nossos escriptores.....	PASSEPARTOUT.
Jornaes e revistas.....	F.
Aqui, ali, acolá.....	P. TALMA.
Notas bibliographicas.....	A humilidade dos nossos
Theatros.....	homens politicos.....
A humilidade dos nossos	PSIT.
homens politicos.....	PONSARDIN.
A vida alegre.....	E. D'ARTAYETT.
O Presente, poesia.....	LOIGNON.
Festas, hailes e concertos	X.
Sport.....	Factos e Noticias.....
Factos e Noticias.....	LOIGNON.
Corrio.....	ENRICO.
Collaboração—A ULLIHA	Collaboração—A ULLIHA
joia.....	joia.....
O. E. SILVA.	Recebemos.....
Annuncios.....	Annuncios.....

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CORTE

Trimestre.....	25000
Semestre.....	48000
Anno.....	85000

PROVINCIAS

Samostre.....	58000
Anno.....	109000

Prevenimos os nossos assignnantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo do que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista das circulares que lhes enviamos em tempo, e ás quaas não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformnr as suas assignaturas pelo corrente anno e ás qua agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demara e A. Drenx, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampans*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias da D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos do Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

N'este escriptorio comprau-se axemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

A SEMANA

Dóra avante só terão a responsabilidade collectiva do director e dos redactores d'esta folha os artigos que forem publicados sem assignatura ou com a assignatura — *A Redacção*.

Fica entendido que todos os artigos fóra d'essas condições representam as idéias dos seus respectivos auctores.

A REDACÇÃO

HISTORIA DOS SETE DIAS

Tambem eu estive a ferver um pouco na ebulição jornalística d'esta semana. Felizmente as garras da descompostura não poderam flar-me d'esta vez. Passei serenamente dos edictoriaes para os pedidos e dos pedidos para os edictoriaes. Motivou o cnso uma divergencia de poncto de vista jornalístico, que ia dando aos leitores d'A Semana o prazer de ee verem livres da minha prosa. Mns tudo se conciliou de portas a dentro e os leitores hão de me aguentar ainda por muito tempo.

Debruçado uesta columna, como numa janella, eu olho para os sete dias decorridos e pouco mais vejo do que agua, muita agua, sempre agua. A chuva d'esta semana foi continua e, por vezes, torrencial.

Eu abomino o calor do nosso verão, e, com fraqueza, prefiro a chuva, que refresca os ares. Mas assim tambem é desaforo. Esta natureza do Brazil é maluca. Não conhece meio termo. Ou tudo ou nada. E estou convencido de que se hontem não choven foi pelo mesmo motivo que obrigava a filha do velho violoncellista da Dalila a não chorar pela ingratidão de André Roswen—foi porque já não havia mais agua para chover!

S. M. o imperador acha-se restabelecido da *castrumalitie* que o acometteu, mas ainda não se pode restabelecer da telegraphite agnda que lhe tem entrado no coração.

Pelo restabelecimento do monarcha eu envio os meus parabens á angusta familia de S. M. e á nação.

E agora *je profite de cette occasion* para lembrar a S. M. que não se esqueça de mim. D'esta vez eu sei que von ter pendureza para o casaco: O imperador deve-mo este relevante serviço—eu fui a unica pessoa que não telegraphou a perguntar pela sua preciosa saude.

E saiba o illustre Sr. ministro do Imperio que é quem tem a chave do cofre das graças) que foi um serviço. Não houve sociedade recreativa Flor de qualquer bairro, não houva hixocapeta que não telegraphaesse para Petropolis nesta e na semana transncta; fui eu o unico abstomio, fui o unico cidadão morigerado que não abusou do telegrapho para amolar o bem amado chefe do Estado.

Des de já declaro que tambem não estive presente á reunião que em Petropolis houve na casa do Sr. desembargador Vieira Tosta com o fim de as tractar do modo de manifestar o jubilo de que o paiz sente a entranha possuida pelo restabelecimento de S. M.

Depois d'estas duas declarações formaes e afirmando eu d'aqui o meu contentamento,—tanto quanto pôde sentir um republicano confesso—por ver S. M. de saude perfeita, creio que não terei muito que esperar pela da Rosa ou pelo de Christo.

Enfim, como este mundo está cheio de ingratos... é possível que ainda d'esta vez eu fique sem pendureza.

Com n doença do nosso imperador coincido a do seu collega Guilherme I, da Alemanha. Tamboem o velho rei da Prussia teve neste mez aggravados os seus achaques de valetudinario, e tambem o telegrapho submarino gemeu com a transmissão de noticias.

Nota que, com as doenças dos reis, trabalha mais o telegrapho do que a botica e que a electricidade snplanta o quinino e os colomellanos.

Que diabo! eu já estive doente duas ou tres vezes e não o participei á Europa. Agora, quando mo eohrar algum tempo, hei de arranjar uma congestão-sita qualquer, só para poder transmittir á China uma noticia de sensação.

Houve uma ligeira discussão entre a *Gazeta de Noticias* e o Dr. Amancio de Carvalho, medico da policia.

Uma senhora respeitavel succumbia a uma molestia qualquer aggravada por um incidente dado em publico. Esta circumstancia deu logar á intervenção da policia, que mandou o seu medico á casa da finada para o fim de verificar o obito. Acontece, porém, que a senhora tinha fallecido com assistencia de medico, o qual já havia passado o attestado e nease attestado já o respectivo

inspector do quartecirão lançara o «*sopulte-se*» da lei.

Maa o medico policial não quiz saber de cantigas o obrigou as filhas da finada a acccitar o seu attestado d'elle! Accresce que nas confabulações havidas ontro as referidas senhoras e o facultativo da policia, este não foi de uma gentileza perfeitamente parieienae.

Eu eó me admiro da admiração da *Gazeta*.

Sabe-a-lá que molestia queria a policia que tivasse a infeliz senhora?

Como outro foi uma congestão hepatica, molestia hojo da casa imperial, fornecedora de S.M.o imperador; agora a policia precisava de um padecimento cardio-vascular.

Para que diacho havemos de oppor barreiras nos diagnosticos policiaes? Quanto á indelicadeza do medico, elle nega-a a devemos, portanto, acreditar-o.

Eu por mim, como tonho de morrer por força, tanto so ma dá de morrer de uma peritonite como da uma insuficiencia mitral.

O que eu quizera era morrer de... prazer.

Está a estas horas roendo o pão negro do exilio entre nós o tenente-general D. Maximo Santos, ex-presidente da republica Argentina.

O *Paix* tam sido para ello de uma ternura só comparavel á que teve pela maravilhosa Sarah Bernhardt. Tambem lhe *attachou* um *reporter* especial, que nos tem fornecido as melhores e as mais pittorescas noticias do general exilado; tambem lhe deu nna columna especial, mas d'esta vez sem vinheta.

E não pense o meu leitor que o astimado collega lhe *attachou reporter* de pouco mais ou menos; não, senhór. Foi um *reporter* litterato, atulhado de rhetorica, cheio de letras e de sabedoria, cavalheiro e poeta.

Veja-se este periodo da *columna* da segunda-feira:

«E' um homem de mediana estatura, esbelto e correctamente trajado.»

«E' um verdadeiro typo hispano-americo: olhos grandes e expressivos, barba tallada a nazarena, caballos oadados e lançados para trás. Com um *sombreiro* de largas abas, ornado de extensa pluma, manto negligentemente lançado para o lado, comprida espada e botas de couro de bufalo, seria um bonito *specimen* de cavalleiro da Aragão ou de Castella do XVI seculo, tão magistralmente immortalisado por Murillo e Velasquez.»

«O rosto do general tem uma pequena deformação, em consequência do ferimento, que ha tempo recebeu em Montevideo. Antigamente usava *caçaigar*, mas, para encobrir a cicatriz, deixou crescer a barba, que lhe vai muito bem.»

Vejam que pureza e que *elegancia* de estylo! Que vernaculidade na dicção, que apreciavel simile artistico!

Mas o que mais me commoven e encheu de satisfação foi a oração final—«Antigamente usava *cavaigar*, mas,

para encobrir a cicatriz, deixou crescer a barba, que lhe vale muito bem.»

De certo; por muito mal que vá a barba a um homem, sempre vale melhor que um *cavaignac*, ossa ignominia capilar de indescriptível mau gosto.

Nunca ninguém pensou que pudesse fazer tanta coisa a bala de Ortiz!

Fel-o perdor o governo e o *cavaignac*; e se o illustre general tem que lamentar-se da perda de um, não pôde deixar de regosijar-se comnosco da perda do outro. Principalmente indo-lhe a barba crescida muito bem, como afirma o autorisado *Paiz*.

Tambem teve a sua scena de sangue, esta semana.

E antes que o leitor aolte de lá o *cherchez la femme* destas occasiões sinistras, eu digo-lhe já que me estou referindo ao caso denominado pelo *Paiz* — *Tragedia de adulterio*, passado na noite de 6 na casa n. 247 da rua do Visconde de Itaúna.

Não ha nada peor para um chronista alegre do que topar no seu caminho com o tropeço d'estes assumptos tristes.

Que o caso não foi para n'rir.

O marido traidor matou o amante da esposa infiel. Realizou o preceito de Dumas: que lh'o agradeça Dumas. Mas convém objectar que este marido casava a valer na cara esposa. Esta resignou-se durante sete annos á brutalidade e á pancadaria; mas um dia encontrou um cocheiro de bond, com attractivos e sem cbiote; apaixonou-se e deixou-se raptar. O marido, que pelos modos não gostava da mulher, visto que lhe batia, só deveria mandar ao raptor o seu bilhete de agradecimento. Em vez do bilhete mandou-lhe um bala, e fugio.

Tudo isto se passou em casa do sogro, homem de tão poucos escrúpulos que recebia a filha com o amante, e na presença da sogra, que não consta haja abusado das immunições que lhe davam o seu titulo de sogra.

Se o marido assassino for preso, o jury decidirá da sua sorte; se o não fór, poderão aproveitá-lo os romancistas e os dramaturgos.

Não teremos a punição do delinquente: teremos um delicto em cinco actos.

Eu começo hoje mesmo as minhas orações.

FILINDAL

CARTAS DO OLYMPO

VI

« O' povos! vamos saber quem é o mais feio sujeito que usa das letras viver na terra. » — Foi dicto e feito:

Choveram cedulas mil... Porque, entre tantos beocios, Não filta quem no Brazil Tome a peito estes negocios.

Todos votaram... ninguém Ficou em casa quieto. Chiram votos aos cem, Para o escrutinio secreto.

E decidiu-se a questão Com geral contentamento... Para uma tal invenção Já é preciso talento!

E que escandalo isso fez No Olympto extatico e pasmo: Não houve nunca, talvez, Aqui tanto entusiasmo.

Vulcano, ouvindo falar Na historia, pulando veio: (Um feio gosta de achar Outro que seja mais feio.)

Papá Júpiter titou Com orgulho Ganymedes; Sorriu, e balbuciou: — Ai! nunca de mim te arredes! —

E então as deusas... assim Que ouviram a novidade, Todas cbegaram-se a mim, Para saber a verdade.

E era o jornal — inventor Da votação — disputado, E devagar, com amor, Com delicia devorado.

Pois agora, consenti Que outro escrutinio eu proponha. Vamos saber: por ahi Quem é que tem mais vergonha?

Nada de espanto! espere! Vou explicar a proposta, E resolvi: ou mandae Ou não mandeis a resposta.

A imprensa ha dias está Calcando aos pés o decoro: Desaforo para lá, E para cá desaforo.

Dois brigam. Brigam. Depois Dos desaforos trocados, Eu penso que estão os dois Incompatibilizados,

E que vão, para punir A reciproca insolencia, A' lha d'agua esgrimir Com mais ou menos sciencia.

Mas eu ponho e elles dispõem: Zangam-se, esquentam a briga, Bradam, gritam, descompõem, E vão... encher a barriga.

Vão simplesmente jantar; Porque esta gente discute Para o appetite aguçar: A discussão é um Vermouth.

Se um fala em duello, diz Com um ironico sorriso O outro: — « Que idéa infeliz! Bem mostra não ter juizo! »

Mais offensas! ainda mais! Não as leio. Você pensa Que eu mesmo ainda sou capaz De me importar com uma offensa? »

No entanto o mesmo escriptor, De viva voz offendido, Caé sobre o incauto offensor, Que ou foge ou fica perdido.

Resulta d'isto a final Que o menor insulto dicto Em segredo é mais brutal (que o maior insulto escripto).

Insultos que se ouvem... oh! Isto sim? fere os ouvidos... Só o sangue os lava, só! Porém os insultos lidos

Podem chover a granel Sobre a cabeça de um bomem: — Pedacinhos de papel Que os ventos levam e somem...

Senhores meus: consenti Que outro escrutinio eu proponha... Vamos saber: por ahi Quem é que tem mais vergonha?

HERO-APOLLO.

P. DE SAINT-VICTOR

Ha seis annos que é morto o grande auctor dos dois bellos livros *Hommes et dieux* e *Les deux masques*. Para honrar-lhea memoria acaba o Sr. Alidor Delzant, que foi seu testamenteiro, de publicar um livro em que lhe estuda a vida e as obras.

«Se alguém houve que tenha realmente merecido um livro é aquelle que tanto amou os livros, que d'elles tão eloquentemente tractou, — o impecavel escriptor, o deslumbrante estylista, o grande e nobre artista que se chamou Paulo de Saint-Victor.»

Isso escreve Adolpho Brisson, e eminente critico francez, e acrescenta:

«Elle levou consigo a sua valente penna: ninguém a herdou. Partio, deixando consigo, nas Letras, um luminoso sulco e no coração dos seus amigos e feis admiradores a aaudosa recordação de um homem galante e de um grande espirito.»

«A vida de Saint-Victor não foi inteiramente desannuviada; os seus ultimos annos correram pacíficos, occupados por estudos que o encantavam, embalados por bellos projectos; mas sua infancia fóra agitada e sua mocidade tempestuosa. Seu pae era um gentilhomem de pura estirpe, devotado ao Rei, profundamente christão, antigo enigrado, cuja fé não conhecia desfalecimentos nem transigencias. Além d'isso, poeta de vez em quando, auctor de pequenas composições poeticas elegantes e seccas, que não conseguiram viver. Paulo herdara do pae uma alma fiel, um temperamento equilibrado e forte e o amor das letras.»

«Muito cedo desabrochou este amor. No collegio dos jesuitas de Fribourg, elle espantava os mestres com a precocidade dos seus dotes intellectuaes. Aos treze annos compoz uma narração escolar que foi o seu primeiro successo litterario. Não era um modelo no genero; mas denunciava já uma grande firmeza de penna e uma singular madureza de senso. E' um dialogo entre o anno de 1839, que começa, e o de 1838, que expira.»

«Pela poesia que recuma, pela natural harmonia da phrase, se conhece que o joven Paulo tinha o sentimento da cor e do rythmo e o ouvido sensível á musica.»

Foi no collegio de Santo Ignacio que elle se preparou para a luta das letras, estudando, lendo e pensando. A Italia seduzia-o, e a estada naquelle collegio de Roma foi de immenso beneficio para o seu espirito.

Os primeiros tempos da vida litteraria de Saint-Victor foram dificeis. Teve immensas difficuldades a vencer para trazer a publico os seus primeiros trabalhos. Apenas uma porta das muitas da imprensa encontrou aberta: a d'A Semana, hebdonadario pariziense, em que, infelizmente, a sua prosa quasi passou despercebida. Saint-Victor duvidou de si mesmo e quasi se declarou veacido. Mas a sympathia de Lamartine protegeu-o e deu-lhe um emprego no seu gabinete.

Ahi teve Paulo por companheiro um bello talento: Carlos Hugo, filho do grande poeta do seculo. Mas a fortuna tardava ainda.

Felizmente e finalmente, Barbey d'Aurevilly, que o estimava, conseguiu-lhe um logar de chronista theatral no jornal *A moda*. Era a fortuna que chegava emfim!

Suas chronicas—que Lamartine dizia não poder ler sem lunetas escuras—faziam um successo louco. Eram verdadeiros fogos de artificio, que deslumbravam e surpreendiam Pariz. O joven escriptor, desde então, doido de alegria, atrava-se perdidamente a todos os prazeres: pompeava no theatro e mais ainda nos salões aristocraticos, cujas portas lhe abriam o seu alto nascimento, o seu espirito e tambem já a eua reputação. Elle tinha essa rara arte encantadora de saber conversar. Sua prosa falada scintillava tanto como a sua prosa escripta.

Era, em summa, um dos heroes da vida mundana de Pariz.

Moço, espirituoso, seductor, devia eer amado e amar.

Assim foi. Encontrou uma mulher bella, mais velha do que elle, mas encantadora, que se apaixonou perdidamente por elle. Adoraram-se. As cartas

que se escreviam, quando não podiam ver-se, são ferventissimas de paixão.

Em uma d'ellas dizia Saint-Victor: «Et maintenant de l'amour, de l'amour, de l'amour, plein mon écritoire et plein mon cœur! Ta divine lettre m'en a enivré; elle a été pour moi la coupe de Psyché. J'y ai bu toute ton âme, dans ce vin généreux d'éloquence et de poésie ou tu la noies, comme la perle de Cléopâtre. Je m'en suis abreuvé à perdre haleine. Ah! chère âme, de quel génie de volupté tu es douée! Tes lettres sont comme des cages de colombes: dès que je les ouvre, je sens battre et frémir autour de moi un vol de baisers et de caresses. Ton style a le feu de tes lèvres et la langue de ton régnir. Tantôt je t'adore comme une sainte, tantôt je te livre aux désirs de la chair dans le cirque de mon désir. Qui! je te suspendrai dans cette taverne rouge de mon cœur où boivent et se battent mes passions, comme la Madone de Raphaël au chevet des courtisanes italiennes.»

Que delizioso estylo! que imaginação! que vigor no lançar a phrase, no colorir a idéia! que delicadeza nos detalhes! que riqueza de palleto e que firmeza de pince! »

Saint-Victor foi duramente ingrato com a sua adorada. Enfrou-se d'ella e levou a crueldade ao ponto de lh'o escrever e de lhe contar as suas infidelidades.

«Tal ingratidão não era digna nem de um gentilhomem nem de um poeta;» commenta com razão o citado escriptor. Mas Saint-Victor estava ebrio de glorias e triumphos. Enthronado no folhetim dramático do jornal *La Presse*, ali reinava como senhor e mestre, como de um olympto fulgurante e fulmineo. O deus, todavia, dignava-se de se humanisar ainda, de vez em quando. Foi assim que se ligou pelo coração e pelo espirito a uma joven actriz que tinha coração e talento. Chamava-se Alice Ozi. Essa ligação foi mais calma e duradoura. O amor cedeu a uma amizade sincera e fiel. Depois d'essa aventura P. de St-Victor só conheceu uma amante — a austera deusa da Arte, uma unica paixão — a de escrever, uma unica occupação — a de deixar um livro perfeito.

Nesse empenho trabalhava dia e noite. A morte surpreendeu-o em meio da tarefa; mas se o monumento aombado pelo artista não estava concluido, ficaram os alicerces, que são sculpidos pela mão de um mestre e que só desaparecerão com a proa franceza.

Além d'isso, deixou dois livros dos quaes diz Brisson: «*Hommes et dieux* e *Les deux masques* são duas grandes obras; ellas hão de subsistir, sobrenadar, sobreviver ao desbarato da nossa lingua, á corrupção do noaso gosto. De quantos livros se poderá fazer egual elogio?»

Para uma amostra da importancia que teve Paulo de Saint-Victor na litteratura franceza e de quanto o consideravam os maiores escriptores de esse tempo transcrevemos uma das muitas cartas que lhe dirigio Victor Hugo da ilha de Guernsey aonde se exilara:

«On écritait un livre rien que pour vous faire écrire une page. O frère de mon esprit, je vous salue et je vous remercie. Quand l'édifice est bâti, c'est vous qui mettez sur le faite le drapeau de lumière. Vous créez sur une création; vous éteu la magnifique explicateur; vous écrivez le poème du poème, le mot du sphinx, le cri dea profondeurs. Cette grande critique que vous faites est, en même temps, une grande philosophie; elle inarque, dans aotre temps, comme une trainée de flammes an milieu de l'ombre. Vous éteu un des sauveurs de l'idéal. Cette gloire s'attachera à votre nom.»

«Dites vous qui vous éteu un des points d'appui du poète solitaire. Une page de vous est un cordial. Il y a, entre vous et moi, un mysterieux va-et-vient d'âme à âme. Vous me dites: «Courage!» et je vous dis: «Merci!...»

Quantos escriptores francezes se poderão gabar de haverem tido hoara tão grande, tão excepcional?

Paulo de Saint-Victor foi um dos escriptores que msie amaram, serviram e enobreceram a litteratura da Franca e do seculo.

Hoara á sua memoria e gloria ás suas obras!

V. M.

ESBOCETOS A BICO DE LÁPIS

I

AFONSO CELSO JUNIOR

Todas as fadas propicias presidiram ao seu nascimento.

E' o rapaz mais felizmente dotado que eu conheço.

Extremamente affavel e meigo por indole, elle possui o raro condão de mostrar o coração num olhar e expandir a alma num sorriso.

Mas sube tambem ter energia indomavel o forrea pertinacia, quando as circumstancias n'isso o obrigam.

A extraordinaria flexibilidade do seu talento, auxiliada por uma natureza operosa e dedicada, fizo-o distinguir-se com brilhantismo em qualquer cousa a que se applicue.

Tem enorme curiosidade por tudo quanto se escreve, por tudo quanto se diz o por tudo quanto se faz no Brazil, o fóra d'ello. Por isso a sua conversação é muito variada, instructiva e agradável.

Como politico, herdou todas as qualidades eminentes do seu illustre pae, maa sobredourando-as com o irriso matiz da arte e da poesia.

Além de tudo isto—é bonito rapaz. Ora com todos estes predicados, e mais a austeridade de caracter, n'um inconsueta lealdade, o exemplar procedimento que tem como cidadão e chefe de família, o Dr. Afonso Celso Junior devia ser n'vo constante dos botes da inveja e da maledicencia.

Mas não o é. Consequiu afugentar o monstro, não com o esconjuro, mas com um sorriso. Todos lhe perdoam a sua incontestavel superioridade.

E' o seu melhor triumpho.

DUO.

TEDIO

I

E' tão intensa, tem tal grandezza A dor que em prantos me banha o rosto, Quo até parece que e Natureza Também partilha do meu desgosto.

Passaros saltam sobre o servado Nebras, e os grandes serros nevados Trazem á mente, causando medo, Mudos phantasmas amortalhados;

Troncos, que os galhos, nã de folhagem, Têm hirtos, lembram medrosos vultos, Quedos á beira de uma voragem, Ou condemnados pedindo indultos;

Ascensos sapos coaxam nas brenbes; Semelhã chagas os volutabros; E os pedregulhos,— baldos de grenhas De beryseus,— monges de craneos glabros.

A cachoeira, que vem da serra, Recordã o pranto que algum gigante, Meio toubado,— tinda uma guerra,— Vertesse em ancias, agonisante.

A voz de um sino, na aza dos ventos, Chege, de longe... Quem é que entende-o?... Serão os cellos das seus lamentos Nuncios de morte? nuncios de juceudio?

O Céu, — a tenda toda habitada De anjos, — segundo diz o Evangelho, Imita a cape, já desbotada, De um pelleão tropego e velho;

E o Sol, na nevoa todo emlucado, Tem cadadura morna e sombria, De um pobre doente, que, escaveirado, Passa a febre na enfermaria.

O Mar, das eguas a potestade, Que anda blasphemias cruas rosnando, Lembra o som cavo de nma cidade Que vae-se aos poucos desmoroado.

Ou de um propheta de máus agouros A voz,— se torvo, beixo retumba; Lembran-me os berros, longe, dos touros, Livros de espectros em catacumba.

E os gallos gritam como, em trincheiras, As sentinellas que dão alarmas; E são das cannas altas touceiras Cutellos verdes num salão d'armas.

Cipós, que arbustos torsos circumdam. São como algemas, como cilícios; Grutas, onde aves meigas abundam, Parecem boccas de precipícios.

Eu tudo o sello da dor se estampa!... Em vez de aroma sorve-se miúma; O Mundo o aspecto tem de uma campã; A Natureza parece pasma!

A tal tristeza ninguem resiste! Se o Olympo exhibe negas de crepe Em vez de nimbus? se tudo é triste! Se o prado imita lugubre steppe!

Cuspa o Céu raios sobre o meu craneo! E, dando estouros como a metralha, Sorve-me o euorine Mediterraneo! Que o Sol me creste como fornalha!...

II

Mas... cis que tudo fica animado! E, já, o aspecto de uma ecchymose, Feita na varzea, perde o roçado... Como num palco faz-se a apothose,

E, a uma pancada do contra-regra, Rompem os céros e o gaz investe, Assim, no espaço tudo se alegra: Tudo de um brando fulgor se veste.

O Sol, glorioso, derrama chuvas De crystal fluido; tudo irradia!... Té nos soluços das rôlas viuvas Descubro uns certos tons de alegria!

Vejo columbas de fumo ondeando; Formam esteira folbas exparsas; Grupos de corvos vão-se afastando, Vem rindo alegres grupos de garças.

Os cedros fórrna de columellos Festoados tomam... Vejo nos bosques Lindas mesquitas, verdes castellos, Arcuaes trementes, florees kiosques!

Alguem, distante, dedilba banza; Bravos ginetes, soltos, relucham, Cautã um canario ternã romanza; Rodam ronceiros carros que rincham.

Jã trovadores plumeos entõam Canticos, loãs, jaculatorias; Pelas charmeas te Deums resõam, Como eu festejei de altas victorias!

Deus, com as titulas que bouve em palhetas De Goya e Rubens, de polo a polo, Retoca o Mundo... Malecachetas, Que estão luzindo na tór do sólo,

Trazem-me á idéã, com suas diversas Nuanças, de estrellas lucidas lascas, Que, sobre o Mundo, fôssou dispersas Pela possante mão das borrascas!

O proprio vento, quando eu passagem, Não monolõga mais, como o Hamleto, E o proprio tronco, nã de folhagem, Já não parece negro esqueleto.

P'ra o Céu, p'ras matias n Prazer volta, Mas não me volta p'ra a alma ferida; Cercem-n'ê as dôres, como uma escolla De guardas cêrca vil homicida!

Meu donegrado coração triste, A srca do peito temo me arrombe, E no organismo, que nã resisti, Sinto os rumores de uma hecatombe!...

Que a Magua o corpo de pedra rude Me torne, ou de uma só vez descarne-o... Pois ri-se a bocca negra do agude, E o Céu me fita com ar de escarneo!...

Ah! mas que importa que o Mundo, como Jorral já enrio, perdido em risos, Dê cambalhotas, faça-me nu mómo, Cante motetes, tilinte guizos!...

Que o ar de um farto conejo nedio, Tome a montanha, que haja alvoroto: Que mais se atõta miúma em tedio, Que na tristeza mais me encapote!

III

Se a Dor, que em prantos me banha o rosto Tem mais volume, mais aspreza, E' que berdei todo, todo o desgosto Que ha pouco havia na Natureza.

— 20 de Agosto de 1886. —

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

CARTAS DE LISBOA

BELLAS ANTES: 5ª E 6ª EXPOSIÇÕES DO «GRUPO DO LEÃO»

Estamos no anno de 1887... — Grande novidade! dirão os leitores.

Mas se eu lhes digo que estamos em 1887, não é para lhes dar uma novidade: é para lhes dizer que já estamos em 1887 e eu ainda não carevi o prometido artigo sobre a 5ª exposição do Grupo do Leão, que abriu em Dezembro de 1885; que á hora em que estas linhas se publicarem estará fechada a actual exposição; e que tenho aqui ao meu lado, em cima da banca, uma porção de livros que esperam artigo, a alguns já também prometido e de todos merecido, porque — felizmente para as lettras e infelizmente para a critica — o anno que ha pouco passou para a historia, foi entre nós de uma fertilidade rara em obras notaveis.

Não é das mais invejáveis a minha posição, como os leitores vêem, nem muito facil o sair-me d'ella airosoamente. Mas, como terminaram decididamente os motivos da irregularidade das minhas correspondencias, que os leitores podem avaliar porque conhecem a sua causa primaria, e nesta minha terra pretenciosa não sempre ha assumpto para uma chronica litteraria e artistica, com o favor de Deus e da sancta Madre Egreja, digo: com o favor de Deus e dos leitores, tudo se ha de arranjar...

Assim, — para começar, — por não falar da 6ª exposição do Grupo sem ter falado da 5ª, e por não deixar de lhes falar da actual exposição, cumprido com o meu dever de correspondente, farei um estudo comparado das duas exposições, dizendo o que se me offerecer sobre o que nem uma e nem outra me pareceu digno d'isso.

Consecutivamente irei entreneando, quando escassear o assumpto ou quando venha a proposito, os artigos prometidos e obrigados sobre o movimento artistico e litterario do anno transacto, como: inauguração das estatuas da avenida (de Simões e Alberto Nunes), publicações, D. Fernando, Cesario Verde, etc.

Depois que eu apresentei aos leitores, na minha primeira carta para A Semana, os artistas que formam o chamado Grupo do Leão, a proposito dos quadros com que elles ornaram o seu café, agremiaram-se-lhe mais cinco artistas: as senhoras D. Helena Gomea, discipula de Gyrão, e D. Bertha Ramalho Ortigão e os Srs. Souza Pinto, ex-pensionario em Paris pela escola do Porto, Villaça, também vindo de Paris, e Mo-

reira (ato), ex-pensionario da escola de Lisboa.

Com estes elementos novos não admira que a exposição do anno passado fosse como foi a melhor de todas até então realisadas, não só pelo merecimento das obras expostas como pela sua variedade, de cuja falta se resentiam mais ou menos as exposições passadas. Com effeito não só quasi todos os artistas se apresentaram brilhantemente, havendo nas salas da exposição trabalhos que podiam figurar honrosamente nas primeiras exposições de qualquer paiz da Europa; mas havia de quasi tudo alguma coisa: pinturas, desenhos a lapis e carvão, esculturas em marfim, gesso e barro, faianças e gravuras, o que é de um grande valor educativo em um paiz em que ainda se faz distincção, como importancia artistica, entre um quadro e um jarro de faiança. Aqui ainda ha hierarchias nas manifestações artisticas: certas obras, um quadro, um frontão, pertencem á aristocracia; outras, como um desenho, um funte, uma cadeira, pertencem ao povinho, são plebeus. Quando será que teremos na mesma exposição especimens de todas as manifestações que appurcam do sentimento esthetico do nosso povo?

A exposição do anno passado foi, pois, magnifica, foi brilhante. O mesmo não posso dizer da d'este anno.

E, todavia, as na 5ª figuravam seto artistas novos (D. Maria Augusta e Rafael Bordallo Pinheiro e mais os que citei acima, nesta também apparecem pela primeira vez uma menos de seis. Em dois annos mais 13 artistas! Porque não seria esta exposição superior ás outras? E' que se entraram mais 6 também expuzeram menos 3, e os que chegaram de novo não compensam a falta dos que se foram.

Sairam a Sra. D. Maria Augusta, Columbano e Rafael Bordallo, e os Srs. Sousa Pinto e Villaça; entraram a Sra. D. Josefa Greno e os Srs. A. Greno, ex-pensionario em Paris, E. Condeixa, idem, J. Bastos, discipulo de Maltho, Carlos Reis, discipulo de Silva Porto na escola de Lisboa, e A. R. Duarte, cujo nome vem no catalogo de Alberto de Oliveira seguido das palavras—Rio de Janeiro — e que os leitores devem, portanto, conhecer melhor do que eu.

Porque saíram aquelles artistas e porque entraram estes é o que eu não posso dizer: registro o facto e lamento-o quanto aos primeiros, sem o approvar em absoluto quanto aos segundos. O admittir mais artistas para o Grupo é excellente, e é um beneficio á arte e uma necessidade, visto que o Estalão não tem ainda um salão annual; é até um dever.

Sómente, já o escrevi em outra parte, é preciso não dar entrada a qualquer rabiscador, a todo aquelle que por pegar num pincel se julga artista.

Mas vejamos o que me dizem a minha memoria e as minhas notas sobre os nossos artistas.

D. MARIA AUGUSTA BOROALLO PINHEIRO

Esta senhora, como já lhes disse, discipula de seu irmão Columbano, expoz o anno passado faianças e quadros de flores.

Mas que flores, meus queridos amigos! que admiráveis, que esplendidas, que gloriosas flores.

Ha na vida do homem, quer moral, quer intellectual, certas impressões tão profundas que nunca mais esquecem e como que nos servem de marcos historicos, lembrando-nos as diferentes phases da vida. Os leitores não têm sentido d'essaa impressões, que parece nos penetram até ao intimo do coração, ao ler um certo livro, ao ouvir uma certa musica, ou ao fitar de relance o rosto d'uma mulher?

Na minha vida de artista eu tenho por mais de uma vez sentido d'essaa sensações, que nos deixam em um estado de beatitude que me parece ser a mais pura manifestação da felicidade d'este mundo. Senti-a quando pela primeira vez vi os Corots e o Palmarioli da Galeria Daupias, Corot, de que a prosa superior de Ramalho Ortigão me não tinha dado ideia, e o Palmarioli, o soberbo Palmarioli, que é uma das estrelas da famosa galeria, representando o sabimento de uma criança, em que a mãe tem um gesto de despezilha que é de nma grandessa eschiliana. Senti-a quando vi o Girganne do leilão Zea Bermudez, que o nosso governo deixou ir para Heapanha; senti-a quando vi pela primeira vez aguas-fortes de Rembrandt e

de Jacquemart, e quando vi na *Gazette des Beaux-Arts* os celebres retratos do H. Guérard; senti-a quando vi os quadros quo Columbano trouxe de Paris e que eu o meu companheiro lhe fizemos tirar d'uma trapeira onde elle os tinha amontoados e escondidos, porque — dizia elle — ninguém gostava d'aquillo. Senti-a mais vezes ainda, graças a Deus, e senti-a profunda, indelével, quando vi os quadros do fidei da Sra. D. Maria Augusta Bordallo Pinheiro.

Esplendidas, triumphantes, magistras! Digníssima discipula do mestre, a Sra. D. Maria Augusta tem, como elle, o desprezo absoluto do recitativo das escolas, a largueza magistral do toque, a comprehensão intima da harmonia das cores e das linhas; tem em subito grau o sentimento da decoração, e n'ello tudo é colorista, é meridional.

Uma grande artista!

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

O nosso grande caricaturista expoz (o anno pasado) 2 quadros decorativos, fingindo pintura em azulão, representando scenas da gente felina, um gato tocando guitarra aos ratos que dançam (n. 1), e largando a guitarra e deitando-se a elles como S. Tibiãgo aos mouros (n. 2). Composições ligeiras, sem grande escrupulo no desenho, feitas á la *diable*, no genero allemão e de que se podia exigir, como de quasi todas as suas composições do mesmo genero, mais correção, que não se dispensa nem mesmo em caricatura. Mesmo em caricatura um gato não pôde parecer um cão; pois não é verdade?

COLUMBANO BORDALLO PINHEIRO

O Sr. Columbano expoz (tambem o a. p.) seis retratos e tres quadros de genero.

Nos seus retratos elle é sempre o mesmo artista consciencioso, dando a physionomia peculiar de cada um dos seus modelos, sua expressão, na attitude e na mimica, dando-lhe pela observancia exacta dos valores uma vida extraordinaria. As suas figuras *posam* sempre naturalissimamente; cada uma vive da sua propria vida.

Um dos retratados, em um pequenino quadro cercado por uma bella moldura em estylo renascença, executada por Lennro Braga, — o grande estylista das *Farpas*, sentado de tres quartos, com a robusta cabeça coberta por um chapéu á Rubens, o pescoco taurino apertado em um largo collarinho, de luneta —, a luneta tremenda, como a do grande Marquez, — lésereno e conscio do seu valor, um velho alfarrabio *aux tranches rouges* e com capa de pergaminho, que segura com a mão forte e plebea que tem firmado a prosa magnifica que todos conhecemos.

Um dos quadros de genero, o mais importante, representa um *Mendigo*, de barba branquiçada, braços nus, com uma bella cabeça de philosofo antigo, adeantando-se apoiado a um cajado, em attitude de pedir, com um velho chapéu na mão.

Composição d'uma grande simplicidade, lembra pela seriedade e nobreza da figura certos quadros de Velasquez, o príncipe dos artistas da peninsula, que é o grande mestre para o Sr. Columbano. Se temos de elogiar o artista por ter deixado os assumptos satyricos e procurar o genero grave e elevado, não o podemos igualmente louvar pela execução, em que o artista foi pouco feliz, principalmente nos accessorios.

Dos outros quadros de genero um representa um velho orando, admiravel de expressão e quoseria dos melhores trabalhos do artista se elle tivesse concluido os accessorios, e o outro, que se intitula *Trecho difficil*, representa um rapaz estudando ao piano, e que é admiravel, inexcédível de observação, verdadeiramente apanhado em flagrante.

BASTOS (J. T.)

O Sr. Bastos expõe um quadro muito promettedor. Representa dois operarios conversando em uma taberna, encostados a uma meza. O desenho é correcto, o toque é já seguro, o modelado em algumas partes é já satisfactorio; em summa, não é um bom quadro, mas promette bons quadros, e jingo que o grupo na li. perderá em ter admitido o Sr. Bastos nas suas fileiras.

CHRISTINO DA SILVA

Não fularoi doa seus quadros, mas das auns gravuras. O Sr. Christino não é verdadeiramente um pintor; pinta dois ou tres quadros na vespera d'uma exposição, mas todo o anno faz gravuras. Não admira, pois, que as suas gravuras sejam muito superiores aos seus quadros, porque ninguém é artista sem trabalhar, mas trabalhar assiduamente, incessantemente. *Nulla dies sine linea*, deve ser uma das divisas de todo artista.

Como gravador em madeira, o Sr. Christino expoz (a. p.) tres quadros com especimens, representando quadros, vistas e retratos, que sem se poderem equiparar ao que se faz actualmente lá fóra, mostram no entanto que não lhe falta aptidão, mas sómente animação.

Mas que querem? Os nossos editores de romances baratos, e principalmente o *Occidente*, em vez de animarem a gravura, tem-na arruinado. Comparem os primeiros numeros da nossa *Illustração* com os numeros recentes, em que se vêm trabalhos que são uma vergonha, mesmo indecentes. Em parte nenhuma hoje se grava tão mal como entre nós. Quando lá fora se publicam verdadeiras maravilhas, cá vemos apparecer trabalhos inferiores aos que se faziam ha 50 annos.

CONDEIXA (E.)

Este artista expõe 19 quadros em varios generos: retratos, paisagem, animaes, flores, fructos e natureza morta. A quantidade é um bom signal, é prova de que o Sr. Condeixa é estudioso. A qualidade da sua pintura é que ainda é inferior. Alguns dos seus quadros são mesmo indignos de serem expostos por um artista que foi pensionario do governo em Paris.

O Sr. Condeixa é um desenhista correcto. As suas figuras *posam* bem e têm ar de estarem parecidas. Mas falta-lhe a exactidão dos valores, que o artista parece desconhecer. Nos seus quadros não ha relevo, não ha perspectiva, não ha ar, não ha vida. As suas paisagens e ns suas fructas são absolutamente inferiores, algunos chegam a ser más; as suas figuras estão agarradas á tola, são chatas, não vivem. Todavia alguns retratos não são más; e o seu *Pescador* seria mesmo um bom quadro se o resto do quadro fosse executado tão bem como a figura.

DUARTE (A. N.)

Este senhor expõe os retratos da familia Ferraz de Macedo, *Papa, mamã et bebê*; e d'elle podemos dizer o mesmo que do Sr. Condeixa, com a differença que este vale mais. O Sr. Duarte só tem desenho, e mais nada. O retrato dos *bebês* parece uma taboleta de loja de bonecos, porque *bebês*, cavallos e bonecas é tudo pintado do mesmo modo, têm todos a mesma vida, são todos elles bonecos de pupelão pintado, vindos da Allemanha.

GRENO (A.)

O Sr. Greno apresenta dois estudos de figura, que não se podem dizer más, mas que tambem não têm nada de notavel. Os seus trabalhos têm cor e uma certa frescura e delicadeza de toque, mas são um pouco amaneirados e fracos. Pintura decente e bonita, mas sem encanto, sem character.

D. JOSEFA GRENO

Esta senhora expõe nada menos de 17 quadros, á parte um estudo de paisagem; todos de flores e fructos, mas tendo de muito inferior qualidade. A composição é quasi sempre bem ordenada, mas a factura é que deixa muito a desejar. A cor é quasi sempre dura, não ha relevo porque não ha modelado. Tudo aquillo, fructas e flores, berra estridulamente: são tintas umas ao lado das outras; mais nada.

OTRÃO (J. D. S. M.)

Desde o seu bello quadro do café, que lles descrevi, o Sr. Otrão deitou-se a dormir... Pois deixal-o dormir na paz do Senbor.

MALHÓA (JOSÉ)

Nas obras d'este artista observa-se

uma qualidade curiosa: umas vezes é aincero, trabalha para si, pinta o que vê; outras vezes trabalha para o burgoez, que tem as libras com que se compram os quadros, e faz pintura bonita para não parecer feia entre as oleographias curas representando meniinas com os olhos em alvo. Neste caso os seus quadros são muito bonitos, mas muito falsos; naquelles os seus trabalhos têm um merecimento real, têm character, accusam um temperamento, infelizmente transviado. A estes pertencia a sua *Aldeia dos Escallos*, do anno passado, representando uns casebres amarelletos, alinhados transversalmente ao meio do quadro, tendo por detraz algumas arvoredos destacando no azul purissimo do céu, e á direita um oiteiro verdejante; no primeiro plano um riacho atravessa um terreno inculto, formando largas poças em que uma mulher lava roupa. Bellu composição, d'uma tonalidade pallida e doce, de um pittoresco delicado, que prova bem de quanto é capaz o talento, bem dirigido, do Sr. Malhóa. A sua exposição d'este anno é inferior.

(Continúa.)

EMYGDIO MONTEIRO.

MINHA FILHA

(AO DR. NUNO ALVARES)

I

Quando, ó filha, a face mansa
Vens posar no rosto meu,
Não sei bem se mais criança
Serás tu ou serei eu.

Sinto á plena meninice
Regressar meu coração:
— Me julgara quem o visse
Não teu pae, mas teu irmão...

II

Ha palavras (uas legendas)
Que, em apenas murmuradas,
Abrem portas encantadas
De opulencias estupendas.

Com talvez maior magia,
Me desvendam paraísos
Debitos sons, mais que indecisos,
Que o teu labio balbucia...

III

De taes vozes se fizera
Symphonia sideral:
— Que orador em mim pudéra
Produzir effeito igual?!

Nenhuma ha que te pretira
Nos torneios do dizer,
Se a eloquencia tem por mira
Deleitar e convencer...

IV

No diluvio de amarguras
Da existencia, — sobrenada
No teu berço, — arca sagrada, —
Minha fé nas coisas puras.

E dos olhos teus ao lume,
Da tristeza o mar immenso
Se me esvae, como n'um lenço
Tenue gota de perfume.

V

Num só beijo (um só!) te abriano
Toda inteira a mão sem par,
Quando a quero, doce archanjo,
De caricias enlavar.

Mas, expliquem-me este arcano:
— Sobre mim tão debil mão
Póde mais que a de um tyranno,
Tem mais força que Sansão!

VI

Tudo o tempo que bel transposto
Sem te ver, ponha adorada,
Me parece infinda estrada
Por que andoi, velado o rosto...

Se de um filho o meigo areno
Retempéra e eleva a gente,
Quão não fóra conveniente
Ser-se pae desde pequeno?!

VII

Teu condão tudo avassalla:
— Nuvem, ave, estrela, flor,
— Nada... nada... nada egual
Nem de longe o teu primor!

Muito embora riso inspire
Dil-3-el... E sobre mim
A primeira pedra atire
Queu for pae, não sendo assim!

AFFONSO CELSO JUNIOR.

1887.

OS NOSSOS ESCRIPTORES

(Vide n. 114)

MACHADO DE ASSIS — Um optimo pessimista.

EZEQUIEL FREIRE — Affonso Karr sem *vespas* e com flores... do campo.

CARLOS DE LAET — Mofineiro de talento
ALUIZIO AZEVEDO — Eça de Queiroz que ainda não fez o seu *Primo Bazilio*.

HENRIQUE CHAVES — Escreve em portuguez magnificas pagas... francezas.

CAPISTRANO DE ABREU — Uma especie de instituto historico e geographico ambulante, barbado e sem olhos.

GUILHERME BELLEGARDE — Auctor de grossos livros escriptos... pelos outros.

JOÃO CARDOZO — Barão que foi poeta. Hoje traduz a *bicharia* do Lafontaine para a *bicharia* brasileira.

JOÃO NINGUEM.

(Continúa.)

JORNAES E REVISTAS

O *Brazil Medico* — n. 8 anno 1.^o
O seu summario é variado e os artigos que d'elle constam são bem elaborados e de utilissima leitura.

O N. 2 do 9.^o anno do excellent journal scientifico e litterario — *A Mãe de Familia*, contem bellos artigos sobre hygiene e medicina; salientando-se d'entre esta o XIX da *Palestra do Medico*. Recomendavel.

Revista do Ensino. Do n. 9 d'esta provelta publicação, além dos demais artigos, é digna de leitura a continuação do *Instrução Publica em Minas*. Consta o mais em summario dos seguintes trabalhos:
Ensino da Lingua Portuguesa, Questões de Grammatica Portuguesa e a Electricidade applicada ao ensino.

A *Revista Mensal* n. II do anno I do *Club de Engenharia* é uma boa colleção de trabalhos artigos. Ornam-na os discursos pronunciados na sessão de 3 e 7 de Dezembro, do mesmo Club, pelos Drs. Mello Barreto e Moraes Jardim.

Chega-nos da villa do Rio Bonito o 1.^o numero de um jornal noticioso, lit-

terario, commercial e agricola, intitulado — *O Rio Bonito*. E' seu principal redactor o Sr. João Illario de Menezes Drumond, que tem tido o que e' preciso para bom dirigi-lo.

Em seu artigo de fundo diz o collega que não se envolverá em politica. Faz muito bem; esta coisa de politica é só para os paes Paulinos e a sua gente. Politica? Tractemos de couzas serias. E' melhor.

E, cá estamos, le braços abertos, para receber, como a este, os demaie numeroz do collega, desejando-lhe prosperidades e vida longa.

Do Club Republicano Rio grandeense recebemos o n. 10 da *Revista Federal*. Como os numeros anteriores é este ornamentado por vigorosa trabalhos sobre politica. A sua primeira pagina é uma homenagem ao distincto republicano Dr. Assis Brazil, reeleito deputado á assembléa provincial do Rio Grande do Sul. Aparecem as eccepções do costume; um bom artigo de Alvaro Chaves, intitulado *Caveat Populus* e outro *Porque?*... do Dr. Cyro de Azevedo. E' uma publicação benemerita.

S.

AQUI, ALI, ACOLA

Por todo este mez o maestro Gounod irá a Bordeaux dirigir a execução da sua ultima oratoria *Mors et vita*, que dizim ser magnifica. Prepara-se-lhe faustos recepção.

Foi destruido por um incendio um dos mais preciosos museus artisticos e litterarios do mundo — a Casa de Confucio, situada perto de Loou, provincia de Shang-Tung, na China.

Parece que está verificado não ser Rothschild nem Vanderbilt o homem mais rico do mundo. Julga-se agora ser um outro americano — Jay Gould. Começou muito pobre, fabricando cartas geographicas a 25 francos cada uma. Muito trabalhador, muito economico e, sobretudo, muito feliz, ao fim de 10 annos possuia 50 milhões de francos; 20 annos depois — 300 milhões, e hoje sua fortuna é avaliada em 250 milhões de dollars, ou 500 mil contos de reis.

Um pau por um olho!
Pois este Crésu não bebe senão agua, não fuma nem joga; mas tem familia e dedica-lhe todo o tempo que lhe deixam os negocios. E' um esposo e um pae exemplarissimo. Querendo seu filho unico, Jorge Gould casar-se com uma actriz de talento Miss Kingdom, mas que apenas tinha 40 mil francos de dote, deu-lhe para as primeiras despesas do casorio a insignificante quantia de 50 milhões de francos — vinte mil contos! Tendo a noiva lles cabido inteiramente nas graças, d'elle e da Sra. Gould, e schando-se grávida, fez-lhe presente, em meio do *five o'clock tea*, para o futuro neto, de 25 mil acções de caminhos de ferro ao valor de 500 francos cada uma, ou 5 mil contos.
Que bruto!

PASSAPARPOUT

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

— *Molestias dos Cafezaes*. E' um pequeno folheto, em o qual o Sr. Jeronymo Joaquim de Oliveira reunio os artigos que publicou na *Evolução de Campos*, em contestação aos trabalhos sobre o mesmo genero firmados pelo Sr. Augusto Francisco Maria Glaziou.

F.

THEATROS

SANTANNA

Na terça-feira tivemos finalmente a primeira da *Touinegra do Templo*, a bella opera comica em 3 actos, de P. Burani e E. Humbart, para a qual o maestro André Messager escreveu a sua mais apreciada partitura.

A *Touinegra* é uma comedia muito bem feita, de grande interesse dramatico, com muitas situações origines e imprevisas, e, sobretudo, muita graça nos dialogos. O segundo acto é esplendido; sendo longuissimo não chega a fatigar o espectador, tal é a variedade e, por vezes, a novidade das situações.

A musica, muito variada, é sempre bella, sempre agradável, sempre inspirada. Os trechos que mais agradaram foram: o *rondó* de Saint Angeon no primeiro acto; a *cançônetta* de Thereza e o formoso duetto d'esta com Aubertin e o côco militar do segundo; no terceiro o que mais agradou foram as copias da *Musica de banda* cantadas com inexcédivel graça por Guilherme de Aguiar.

O desempenho d'esta bella peça tem o defeito de ser muito desigual.

A *Touinegra* não é opereta, é operacomica; e se aquelle genero, em rigor, não exige cantores, este, pelo contrario, não se pode dispensar.

Todavia é necessario dizer que a Sra. Massart cantou muito bem todo o seu papel de protagonista e que Rosa Villot tambem cantou regularmente o papel de Zelia.

Mas as honras do desempenho couberam ao grande Guilherme de Aguiar. Se este artista excepcional ainda não estivesse unanimemente consagrado pelo nosso publico, a maneira brilhante por que desempenhou o papel do ex-tenor Saint Angeon forgaria essa consagração. Realmente não se pode exigir mais talento, mais verve, mais naturalidade, mais justez e, diremos mesmo — mais originalidade do que teve o nosso grande actor na genial interpretação d'aquelle burlesco typo. Foi um trabalho monumental, incomparavel de graça e que teve a grande qualidade artistica de não se parecer com nenhum dos bellos personagens que o singular tuteado de Guilherme de Aguiar nos tem apresentado tantissimas vezes.

Vale a pena ir assistir á *Touinegra do Templo* só para admirar aquelle notabilissimo trabalho de arte.

Martius e Mattos desempenharam bem os seus papeis, dando-lhes o costume leve e fazendo varias scenas com muita graça.

Mesquita e Silva, em partes secundarias, tambem estiveram apreciaveis.

O velho Areias, um artista de merito, é que esteve infeliz ao seu antipathico papel de Bem-Amed. Foi frio, arrastado, monotonou no desempenho e ao canto não o auxillou d'esta vez a sua voz.

A peça está montada ricamente, com aquelle capricho que só o Heller tem. Bons scenarios do Carranciai, principalmente, o primeiro acto que representa com muita fidelidade a rotunda do Templo, da Pariz, e o do segundo, que representa um sertão da Argelia.

O publico applaudiu muito a peça e fez bisar alguns trechos da bella musica de Messager.

A traducção é feita com todo o talento e todo o espirito do Eduardo Garrido. Cá ficamos á espera do *centenario da Touinegra*.

E' amanhã que se effectuará no theatro Recreio Dramatico a *matinée*, habilmente organizada pela Exma. Sra. D. Candida Moniz Barreto da Costa e seu esposo o apreciado violiaista Pereira da Costa, para auxillar a compra do jazigo perpetuo de D. Luiza Hagadas.

Além de uma orchestra composta dos melhores professores d'esta capital e regida pelo maestro Martini, a qual tocará escolhidas peças durante a festa, executar-se-á o seguinte programma:

PRIMEIRA PARTE — *Symphonia*, pela orchestra; *Scena comica*, pelo actor Silva; *Aria*, por Mile. Oudin; *Ballo in maschera* (fantasia), por Pereira da Costa; *Liberdade*, poesia do Dr. Valentim Magalhães, pela Sra. D. Helena Cavalier; *O Cosinheiro* (scena comica),

pelo actor Machado e uma *scena comica* pelo actor Domingos Braga.

SEGUNDA PARTE — *Symphonia*, pela orchestra; *Un petit rien* (quarteto), pelos Srs. Max, Graevenstein, Campos e Ferreira da Costa; *Amor e scena comica*, pelo actor Nisto Lima; *Aria do Escravo* por Mile. Delmary; *A minha familia*, (cançônetta), pelo actor Mattos; *Festa a um tumido*, poesia do Dr. Valentim Magalhães, pelo actor Eugenio de Magalhães e uma *scena comica* pelo actor Vasques.

Finalisará este rico programma com uma *ouverture* pela orchestra e com a deliciosa comedia *Amor por anezim*, representada pela actriz Helena Cavalier e pelo actor Peixoto.

Como vêm os leitores, vai ser esta uma *esplendida matinee*, digna, por todos os motivos, do concurso do publico.

Creemos que a sala do Recreio Dramatico regorjatará de espectadores, e estes prestarão assim uma brilhante homenagem a memoria de D. Luiza Regadas que foi a figura mais sympathica d'esta especie de diversões, quando organisadas a favor da liberdade de escravos.

Assim o desejamos.

P. TALMA.

A animalidade dos nossos homens politicos

Lavater, Gall, Haecckel e outros grandes naturalistas affirmam que cada individualidade humana tem o seu correspondente no reino animal.

Tentemos innocentemente achar os bichos que se parecem com os nossos homens publicos.

BARÃO DE CORREIA. Coruja com nariz de papagaio e costelletas fritas.

SILVEIRA MARTINS. Leão dos pampas. Pela força, pela coragem, pela altivez, e pela originalidade, é o rei de toda a nossa almanira politica.

AFONSO CELSO. Tigre real de Beugala. Unico que pode pedir meças no leão.

LAFAYETTE. Rapoza que dissimula ns manhas em anstero strabismo.

ANIZIO. A rapoza já o classificou.

DANTAS. Tamanduá baadeira.

RIBEIRO DA LUZ JUNIOR. Ourang-outango.

RODRIGUES JUNIOR. Bicho de pé.

CHICHORRO DA GAMA. A zoologia descobriu ha pouco o esqueleto de um bicho da epocha terciaria, que deve ser o correspondente irracional d'este seador.

SILVEIRA DA MORTA. Urso branco da Siberia.

CANDIDO DE OLIVEIRA. Marreco que gera perdigotos.

AFONSO CELSO JUNIOR. Canario belga que tambem canta de rouxiao!

CORREIA. Papagaio da rua Sete de Setembro. Basta uma pequena rusga entre a Maricota e o caixeiro da esquina para que elle dê á lingua que é um Deus nos acuda.

ARAÚJO GOES JUNIOR. Vacca tourina. JOÃO ALFREDO. Tatú cnjo baraco vai desembocar a situação.

SARAIVA. Rato velho que virou morcego, mas quer passar por sphinge.

MARTINHO CAMPOS. Mastodonte em cuja cara pôde-se estudar a geographia das epochas anti-diluviaas. Contemporaneo do bacalhão.

CHRISTIANO OTTONI. Gato piagado da geração politica passada.

PAULINO. Pavão erecto e correcto, mas de pennas negras.

VIEIRA DA SILVA. Uus dizem que é agua, outros que é filhote de pumbo (borracho).

CONSELHEIRO HENRIQUES. Não vemos bicho algum que se lhe possa comparar.

PSIT.

(Continúa)

A VIDA ALEGRE

Realizar-se a hoje ás 8 horas da noite na phantastica e fulgurante *Caverna* o grande banquete e o grande baile com que os heróicos *Tenentes do Diabo* vão agradecer ás suas dedicadas e intelligentes commissões de carnaval os seus ingentes e profucos esforços para mais uma vez collocarem os *Tenentes* farta messe de corozas de lauro e palmas de victoria.

Ao amabilissimo convite com que foram distinguidos os redactores d'esta folha, tem elle, para não faltar, além da razão primordial da ser do seu dever responder aos convites que lhes são feitos, a razão especial de serem os seus continuas e finas provas de apreço e consideração com que os têm distinguido.

Tractando-se da luzida e gentil rapazada que usa as cores negra e vermelha nas batalhas de Momo, ocioao é fazer gasto de adjectivos em relação á festa commemorativa que hoje se vai realizar.

Não diremos, portanto, que o banquete e o baile de hoje vão ser surpreheadentes, faustosos, olympicos, nem nada.

Diremos sómente: são dados pelos *Tenentes do Diabo*. E é bastante.

POYSARDIN.

<O PRESENTE>

Desde que o teu olhar sereno e casto Rompeu a densa treva em que eu vivia, Continuamente esta existencia arrasto, Preso a um desejo que me senta e esfia.

Do teu cabelo, assetinado e brando Fiz a lyra que tanto bumilde e triate, E ao teu sorriso, que me traz sonhando Eu devo o fogo que em meu peito existe.

Os meus versos... eu tinha-os hurriedo Do nosso amor os lucides abalos, Para no dia do feliz noivado No teu selo de nove ir collocar-os.

Mas desprezaste as minhas crenças puras, O meu affecto virginal, iadado, E com o peito cheio d'amarguras Vi-te esbir nos braços d'outro, rindo.

E não lastimo o mal que me fizeste, Nem soluço tambem por te perder, Eu te perdoo a sorte que me deste Porque na minha dor sinto prazer.

Hoje peço que enteres os meus versos No teu jardim... Talvez que nasçam goivos Dos meus sonhos gentis, sonhos dispersos, — E ao vê-los chores, porque fomos vivos.

EDUARDO D'ARTAYERT.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

FABRICA DE FLORES

Com uma esplendida *soirée* solemnizarão os Srs. Ribeiro de Carvalho & C. na sua importante Fabrica de flores, á rua do Passeio, o casamento de D. Rita Narcisa de Amorim, empregada da referida fabrica, com o Sr. Ernesto Leão de Brito.

No mesmo dia baptisou-se a innocente Leonor, filha de D. Maria Emilia Rego da Silva, ex-operaria da fabrica, e do Sr. Antonio Joaquim Coelho da Silva Junior, sendo padrinhos o Sr. J. A. Ribeiro de Carvalho e sua Exma. esposa D. Amelia Augusta de Carvalho. A festa teve logar a 5 do corrente, comparcendo a ella grande numero de familias da mais distincta sociedade fluminense, e dançando-se animadamente até á mudrugada do dia seguinte.

CONGRESSO BRAZILEIRO

Hoje grande seráo-concerto, para o qual recebemos, e agradecemos, gentilissimo convite da amavel directoria.

S. RECREATIVA E A. S. JOSE

Solemnisa hoje esta sociedade o anniversario da sua installação, offerecendo a seus socios e convidados um grande baile, para o qual tambem fomos obsequiados com um delicado convite.

Realisar-se-á depois d'amanhã no Conservatorio de Musica o concerto do exímio violinista Pereira da Costa— Sendo o programma organizado por elle, dispensa elogios prévios.

Quvir Pereira da Costa é um dos mais delicados e suaves prazeres que possam desejar amadores de boa musica. Pois depois d'amanhã terão estes occasião do ouví-lo.

E' não por del-a.

No dia 16 a Sociedade de Quarteto do Rio de Janeiro, no Imperial Conservatorio de Musica, realisar-á a sua 7ª sessão de musica de Camera.

LORGNON.

SPORT

O máo tempo não impiedio que estivessem brillantissimas as primeiras corridas d'este anno, realizadas no domingo, no Prado Villa-Isabel, as quaes começaram ao meio dia e terminaram ás 6 horas da tarde, sem a minima reclamação por parte do publico e na melhor ordem possível.

Eis o resultado dos diversos pareos:
1º—Veaceu *Aymoré* em 70 segundos.
Guacho em 2º lugar e *Ondina* em 3º.
2º—*Argentino* venceu em 95 segundos.
Rondello em 2º e *Doge* em 3º lugar.
3º—*Ganbuo Talisman*, tambem em 95 segundos. *Regina* em 2º lugar e *Americana* em 3º.

1º—Ainda em 95 segundos veaceu *Druid*, seguido por *Intima* e *Vampa*.
5º—*Daybreack* ganhou em 68 segundos, seguido por *Amazonas* e *Babylone*. O jockey que neste pareo montava *Paraguaya* foi cuspidio do selim, ficando ligeiramente confundido.

6º—*Venceu Coupon* em 66 segundos, tendo por competidora *Speciosa*, que desgarrou muito.

7º—*Druid* chegou em 1º lugar, *Intima* em 2º e *Mandarim* em 3º. Tempo da corrida 70 segundos.

Ha amanha importantes corridas no Hippodromo Guanabara.

FACTOS E NOTICIAS

Visitamos, por occasião de se inaugurar, o novo estabelecimento que, com o titulo «Recreio das Crianças», o Sr. Honorato de Magalhães montou na rua do Senador Dantas n. 1.

Ein posição agradável, promette o «Recreio» ser muito concorrido, para o que contribuirão as commodidades de que está repleto o agradável divertimento.

E se isto desejamos ao empregario, não meaos o desejario os bebês que frequentarem as corridas do novo *Carroussel*.

GREMIO DE LETRAS E ARTES

Foi magnifica a primeira sessão, realisada ante-hontem, para apresentação, pelo auctor, do novo livro *Lyrical*, de Filialdo d'Almeida, que teve brillante acolhimento. Falta-nos espaço para uma noticia circumstanciada.

Dal-a-emos no proximo numero.

Por hoje diremos somente que se as seguintes sessões forem eguaes á primeira, tem o Gremio um glorioso futuro deante de si.

Que raiva nãa termos espaço!

Emfim, paciencia; coaversaremos a respeito no sabbado proximo.

CORREIO

— Sr. O. G. No seu soneto *Sonhando*, a metrificação é mesmo um sonho. Enquanto o seabor não apreder a fazer

versos certos, não terá o prazer de ver o seu uome figurando nesta folha. Tenha paciencia.

— Sr. A. R. Nunca vimos nada mais mal feito que a cançoneta — sem cedi-lha —, que o senhor nos pede que publicuemos o que tem o arrojio de chamar bem feita.

— Sr. A. R. de S. Ao sou soneto (sempre soneto!) que tem por titulo —?, eis a unica resposta—!

— Sr. *Femmore Noir*. Nas suas duas quadras intituladas *Amor*, só encontrei de aproveitavel a idéia, que é muito maior que o Himalaia, e este verso:

«Que teirão deixa avoar»

unicamente pelo verbo avoar que o senhor ali encaixou. Só aquella avoação vale um reino!

— Sr. V. V. Tantos vêz tem o senhor no noac e não obstante parece-me que não vê um palmo adeante do nariz. Parece incrivel que o meu amigo indo escrever calice escrevesse calécé. Pois se vossa mercê não sabe escrever calice, calle-se! e não venha impingir sonactos de meia tigella ao proximo!...

— Sr. *Admirador das bregeiras*. Admira-me sómente, ó admirador de minha alma, que tivesses a coragem bastante para fazer uas versos que eu não tive a coragem sequer de ler. Não passei do segundo e assim mesmo posso gabar-me de que metti uma lança em Africa! Tambem não caio aoutra!

— Sr. P. da C. O seu soneto, *Consolação*, espere que ha de, sem mais tardança, vel o estampado (tenha esperança) na *Collaboração*.

— Sr. J. de O. (Goyaz.) Pois o seabor em lugar de nos mandar um pouco do saboroso fumo goyano, pelo qual eu dou a picholeta, lembra-se de mandarnos versos errados? Ora favas, meu amigo! Isto não tem geito!...

— Sr. K. Rioca. Só o tamanho do seu artigo: *Galeria do elogio mutuo*, fez-me quasi ter um desmaio! Olhe, meu rico senhor, fique sabendo, de uma vez para sempre, que não é pelas grandes orelhas que se compra o burro...

Emquanto ao seu soneto: *Mater dolorosa*, so tem de bonito o titulo; ao mais... nem é bom mecher, nem falar.

— Sr. *Henrique Canuman*. Comquanto pareçam errados, os seus versos estão certos, e contém uma idéa senão grande, pelo menos delicada. Sentimos não lhes poder dar um lugar na *Collaboração*.

— Sr. *Duprat*. Os versinhos que nos remetteu do seu amigo L. P. N. são bem mediocresinhos, beaza-os Deus; mas mande-nos S. S. as 20 assignaturas que disse que nos arranjaria se publicassemos os citados versinhos de agua moraa, que elles não deixarão de sair. E' pá-pum! — terra! assignaturas na unha e os referidos estampados na *Collaboração*! Nós cá semos assim.

— Sr. E. M. Com que o meu amigo quer á fuz força... descompostura?! Ah! eu para isto sou bom. Prepare-se que lá va obra: Eu te saudo talento privilegiado, canoro poeta que assombra as gerações porvindouras com as louçanias do teu estro grandiloquo! Os teus versos, malabarista da rima, são tão maviosos, tão puros que lembram uma souata cantada por seraphius ao som das barbas eburneas.

E a prova de que és o mais assombroso dos cultores da grande arte do Mal das Vinhas e Campos Leão, ahí vão os teus triolets.

Léde e psamae, trovadores de todos os tempos:

«Desejo ser bem tosado
Na folha do *Filindal*.
Não podendo ser louvado,
Desejo ser bem tosado,
Podem cbamar-me d'ousado,
Vate pulha, não faz maal.
Desejo ser bem tosado
Na folha do *Filindal*.

Descomponham-me bastante,
Não me poupem por favor.
Sempre, sempre, d'ora á vante
Descomponham-me bastante;

Como se fôra um pedante
Com fumaças de conlor,
Descomponha-me bastante,
Não me poupem, por favor.

Não gosto d'ouvir estrolls,
Ao contrario do Bilac.
Como não posso entendel-as
Não gosto d'ouvir estrellas.
Atésinto horror ao vel-as
Se me vejo n'um bivac.
Não gosto d'ouvir estrellas,
Ao contrario do Bilac.

Inda tenho mais defeitos:
Sou bulbento,—um Cassagnac.
Comparado a mil sujeitos,
Inda tenho mais defeitos;
Sendo, a todos os respeitoos,
O mais vil — um cavagnac.
Inda tenho mais defeitos:
Sou bulbento,—um Cassagnac.

Se logo for attendido
Não gasto mais um tostão.
Eerei agradecido,
Se logo for attendido,
Como espero, no pedido
Que dirijo á redacção.
Se logo for attendido
Não gasto mais um tostão.

ENRICO.

COLLABORAÇÃO

A ULTIMA JOIA

A OLAVO BILAC

Laurinha enfermara por tal forma, que sua mamã D. Luiza, uma pobre viuva de um alferes, so com as despesas do medico e da botica, dispndia todo o modesto soldo que lhe dava o governo.

Para fazer face ás necessidades diarias, foi obrigada a trabalhar para uma alfaiataria; mas ajuda assim já se tinha atrazado em quatro mezes, no pagamento do aluguel da casa.

Um supplicio para a pobre senhora, que entretanto estava disposta a fazer todos os sacrificios para salvar sua querida filhinha, unico fructo de seu infeliz consorcio.

Uma noite estava ella muito occupada com umas costuras que devia entregar no dia seguinte, quando algum batea brandamente á porta, murmurando ao mesmo tempo, com voz adocicada:—Dá licença, D. Luiza?

— Pode entrar, respondeu a viuva, que reconhecera a voz do proprietario da casinha em que morava.

O visitante entrou; era um padre de mais de sessenta annos, baixo, magrinho, quasi que perdido nas dobras ue uma humensa sotaina, muito usada.

— A que devo eu a honra de sua visita? perguntou a viuva, apenas o vio sentado.

O padre não respondeu logo. Tirou do bolso uma grande caixa de tartaruga, sorveu uma pitada de rapé, passou o lenço diversas vezes pelo nariz e coaceu, gaguejando, á semelhança do avarento de Balzac, quando tractava de negocios de dinheiro:

— D. Luiza, a senhora sabe que os tempos vão mal... e eu... bem vé... é so dos alugueis... não tenho outros recursos... por isso...

A infeliz senhora ouvia-o de cabeça baixa, rubra, e avergonhada por tão imprevista cobrança.

— Comprebendo, murmurou ella, vossa reverendissima quer a importancia que lhe devo, não é assim? Está no seu direito; entretanto peço que espere mais algum tempo; bem sabe que tenho feito grandes despesas com a doença de minha filha.

— Sei, sei, retorquiu o padre, mas disse-me o Ricardo sachristão... ha de me desculpar... o Ricardo asseverou-me... que um anelzinho de brilhantes... fariamos um arranjo... bem vé...

— Basta, senhor, exclamou D. Luiza erguendo-se, séi o que quer dizer, posso realmente um anel, ultima recordação de meu marido; mas esquecia-me de que quem deve ao tem o direito de conservar recordações!

Depois de proferir estas palavras, entrou na alcova, d'onde voltou momentos depois, trazendo uma caixinha de veludo que depositou nas mãos des-carnadas do padre.

— Este levantou-se, cortejou a viuva e sahiu, quasi a recuar, gaguejando:

— Ha de desculpar... mas os tempos... os alugueis... meus unicos recursos...

Apenas o padre sahiu, D. Luiza correu ao quarto de sua filha, tomou-os braços e exclamou em pranto:

— Minha querida filha, acabam de me arrebatar a ultima recordação de teu pae!

Laurinha, sem comprehender coiss alguma, fitou-a longamente, com esse olhar vago e incerto que só possuem os que se avizinham do tumulo.

OLIVEIRA E SILVA.

RECEBEMOS

— *Parecer* dos delegados da Inspectoria Geral de Hygiene sobre o Collegio Abillo, da Corte.

— *União Medica*, anno VII, fasc. 2.

— *Revista Pharmaceutica* — n. 6.

— *O Cherubim* — Vol. II — n. 25.

— *Interessante*

— *O Estudo* — n. 7.

— *O Brazil Medico* — anno I — n. 7.

— *Marca da Fabrica* — Processo crime por vender e expor á venda productos revestidos de marca contrafeita — Recorrente Henry Clostre, Recorrido José A. da Silva Guimarães.

— *Eu lezur la coqueluche* pelo Dr. Clemente Ferreira. Diremos depois.

— «As servidas reaes» (estudo de Direito Civil) pelo juiz de Direito, D. Agapito da Veiga Junior. Noticia depois.

— *Salon da Moda* (12 de março) e *Printemps* (16 de março) enviados pela casa *Au Petit Journal*. Magnificos figurinos e moldes.

— *Estatutos do Club Republicano de Santos*.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio, todos os dias, das 10 horas da manã ás 3 da tarde—Rua do Carmo n. 36.

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Coas. rua do Visconde de Inbaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

DIREGIDO POR

E. GAMBÁRO

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer hora. Estatutos em todas as livrarias e na estação do Plano Inclinado.

D. M.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das cristas.—Rua Primeiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

LOTERIA

DA

PROVINCIA DO GRAM-PARA'

SORTE GRANDE PAGA POR INTEIRO

40:000\$000

NÃO HA MAIS SERIES N'ESTA LOTERIA

EXTRACÇÃO

SABBADO - 26 DO CORRENTE - SABBADO

A'S 2 HORAS--IMPRETERIVELMENTE

Esta loteria joga com 20,000 bilhetes a \$3000, tendo 42,130 quintos premiados

O agente chama a attenção do publico para o importante plano d'esta loteria, incostavelmente a mais vantajoso.

Com a diminuta quantia de 58 (bilhete inteiro) obtem-se a importante somma de

40:015\$000

e com 18000 (um quinto) recebe-se

8.003\$000

Todos os premios são pagos SEM DESCONTO.

As extracções d'esta importantissima loteria effectuam-se em edificio publico, na capital da provincia, são fiscalizadas por autoridades nomeadas pelo governo provincial e presididas pelo Sr. Dr. chefe de policia.

Itemettom-se bilhetes para fora com antecedencia e SEM COMMISSÃO, e vendem-se desde ja na agencia.

23 RUA DA URUGUAYANA 23

AUGUSTO DA ROCHA MONTEIRO GALLO

Caixa do correio 357

Endereço telegraphico--AGALLO

LOTERIA DO PARANA'

PORTE ALGOS PAGO POR INTEIRO

15,000\$000

Premio maior

Premio melhor

NÃO TEM SERIES

PAGAMENTO INTEGRAL

Em vista da circular de S. Ex. o Sr. ministro da fazenda, foi apporizado pelo Exm. Sr. presidente da provincia o seguinte plano

10,000 BILHETES A 58, DIVIDIDOS EM QUINTOS DE 18000

PREMIOS

1 premio de.....	15,000\$000
1 dito de.....	5,000\$000
1 dito de.....	2,000\$000
2 ditos de.....	1,000\$000
4 ditos de.....	500\$000
100 ditos de.....	20\$000
para todos os numeros cujos dois ultimos algarismos forem iguaes ao do 1º premio.....	10\$000
para todos os numeros cujos dois ultimos algarismos forem iguaes ao do 2º premio.....	400\$000
2 aproximaciones de.....	100\$000
para o 1º premio.....	100\$000
para o 2º premio.....	5\$000
1,000 premios de.....	5\$000
para todas as terminações do 1º premio.....	5\$000

TODOS OS PREMIOS SÃO PAGOS SEM DESCONTO

EXTRACÇÃO D'ESTA LOTERIA QUINTA-FEIRA, 17 DE MARÇO

AO MEIO-DIA

REMETEM-SE BILHETES PARA FORA COM ANTECEDENCIA

E SEM COMMISSÃO

Bilhetes a venda na agencia

23 RUA DA URUGUAYANA 23

Caixa do correio 357

Endereço telegraphico--AGALLO

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, escrophulas, rachitis, anomia, debilidade em geral, defluxos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypodrophosphitos. A' vendu nas drogarias e boticas

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encommeadas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

LAEMMERT & C.

EDITORES

Sabida a luz e acha-se a venda a obra completa das

MEMORIAS DE JUDAS

POR

F. PETRUCELLI DE LA GATTINA

vertidas para a lingua portugueza por M. C. da Rocha, 1 volume de mais de 450 paginas in-8º. Preço: brochado 38 encadernado 48\$000.

O notavel romance historico, cuja traducção offeremos hoje ao publico, é muito conhecido e apreciado na velha Europa. O seu autor, Petrucci de la Gattina, um dos chefes do radicalismo italiano, publicou-o em francez, em 1867, em Paris, porque a influencia papal não consentiu que nessa época o sublime trabalho do chefe democrata fosse publicado em terras da Italia e na sonora lingua de Daate.

Recommenda-se este romance pela felicidade e talento com que o autor soube descrever os usos e costumes do povo judaico, as paixões politicas, as intrigas e o faaatismo que acabaram aquelle bello paiz sob a dominação dos romanos. Destaca-se deste quadro a grandiosa figura de Christo, que naquella sociedade corrompida soube conservar a inteireza do seu caracter, preferindo soffrer uma morte gloriosa a reuegar seus principios de smor e fraternidade uiversal.

66 Rua do Ouvidor 66

INTRANSFERIVEL! INADIABEL!

GRANDE LOTERIA

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIABEL

MIL CONTOS **1.000:000\$000** MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.

100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSIMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 fleas-o habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS A

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507.

ALFAIATARIA

11 RUA DOS ANDRADAS 11

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, ceroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMODOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

AO RECREIO DAS CRIANÇAS

RUA DO SENADOR DANTAS N. A I

(ESQUINA DA RUA EVARISTO DA VEIGA)

Jogos, e brinquedos infantis. Musica, luzes, fogos de Bengala etc., etc

GRANDES E BELLAS SURPREZAS
ABERTO TODOS OS DIAS E TODAS AS NOITES

ENTRADA GRATIS

A I RUA DO SENADOR DANTAS A I

(ESQUINA DA RUA EVARISTO DA VEIGA)

HONORATO REBELLO BOTELEHO DE MAGALHÃES